



Mauro Tavares

# **A propósito de *D'Est***

CHANTAL AKERMAN

Eu queria fazer uma grande viagem através da Europa do Leste, enquanto ainda é tempo.

Rússia, Polônia, Hungria, Tchecoslováquia, ex-Alemanha do Leste, até à Bélgica.

Queria filmar lá, ao meu modo documental, roçando a ficção. Tudo o que me toca.

Rostos, esquinas de ruas, carros e ônibus, estações e planícies, rios ou mares, flores e córregos, árvores e florestas. Campos e ruínas e mais rostos, comida, interiores, portas, janelas, preparações de refeições. Mulheres e homens, jovens e velhos que passam ou que param, sentados ou em pé, às vezes até deitados. Os dias e as noites, a chuva e o vento, a neve e a primavera.

E tudo isso se transformando calmamente, ao longo da viagem, os rostos e as paisagens. Todos aqueles países, em plena mutação, que viveram uma história comum depois da guerra, marcados por essa história até nas entranhas da terra e cujos caminhos, agora, divergem.

Eu queria registrar os sons dessa terra, tornar sensível a paisagem ao passar de uma língua a outra, com suas diferenças e similitudes.

Uma banda sonora não sincrônica, ou sincrônica só em alguns momentos. Um rio de muitas vozes, arrastado pelas imagens.

Vozes que contariam histórias pequenas e grandes, todas muito simples, que nem sempre seria preciso entender, mas que ouviríamos com um sentimento de familiaridade, como se fossem músicas de países estrangeiros.

Por que fazer essa viagem à Europa do Leste?

Poderia haver razões evidentes, históricas, sociais e políticas, que motivam tantos documentários ou reportagens, mas que muito raramente compartilham um olhar atento e calmo.

Mas essas razões, embora subjacentes, não são as únicas. Não procurarei mostrar a desintegração do sistema nem as dificuldades de entrar em outro, porque quem procura acha, acha muito bem e filtra, assim, sua própria visão com o pré-pensado.

Tudo isso aparecerá, sem dúvida, pois não pode ser de outra forma. Mas aparecerá nas entrelinhas.

Poderia haver razões afetivas, e elas existem. Meus pais vieram da Polônia, vivem na Bélgica desde os anos 30 e se sentem bem por lá.

Durante muito tempo, em toda a minha infância, pensei que o modo deles de viver, de comer, de falar, de pensar era o dos belgas.

Foi somente mais tarde, no momento da adolescência, que eu senti diferenças, diferenças entre eles e os outros pais, e mesmo entre mim e as outras meninas da minha turma.

Ano passado eu fiz uma viagem à Rússia para preparar um filme sobre a poeta Anna Akhmatova.

Era inverno, eu estava longe de casa, num país desconhecido, não entendia a língua, me sentia perdida, mas não totalmente, confusa, mas sem saber por quê, num país estrangeiro, mas não completamente. Uma língua estrangeira, sim, mas cuja música e sonoridades eu conhecia bem. E no meio daquela incompreensão, como uma amnésica, eu reconhecia uma palavra e, às vezes, frases inteiras. O modo de viver das pessoas, o modo delas de pensar eram-me tão familiares. Eu encontrava na mesa o que minha mãe fazia todo dia para comer nos seus cinquenta anos de vida na Bélgica.

E essas conversas em que o banal se mistura com o “filosófico”, era como em minha casa, quase a mesma coisa.

No entanto, mesmo que as razões afetivas sejam reais, não quero fazer um filme do tipo “busca das origens” porque, uma vez mais, quem procura acha, acha até demais, e dá sempre um jeitinho demais para achar.

Eu diria que quero fazer um filme lá, porque lá me atrai. Me atrai há muito tempo e profundamente, e mais ainda depois que lá estive.

Eu dizia: enquanto ainda é tempo.

Tempo para quê, tempo por quê, antes que a “invasão” ocidental não seja muito flagrante?

Como se houvesse um antes e um depois, antes e depois da era glaciária e glacial. Tempo da utopia realizada e tempo da utopia desmantelada, ou de uma outra utopia?

Sempre houve uma espécie de atração-repulsão pelo Ocidente, talvez até mais forte antes, e sobretudo pela América, objeto de desejo confuso; e já há muito tempo tinham se infiltrado – eu não diria através das brechas do sistema, mas pelo próprio sistema – objetos-símbolo da cultura americana, a calça jeans e outros, até o jazz, que os irmãos Siméon tocavam no fundo da Sibéria, onde morreram. Agora esses signos são apenas mais visíveis, mais arrogantes, diriam alguns, como o McDonald’s da praça Puchkin em Moscou.

Não há um antes puro e um agora gangrenado ou pervertido.

A perversão já estava presente na existência desses dois

blocos que não são assim tão contraditórios quanto parecem à primeira vista.

Baudrillard, quando fala da América, fala também de utopia realizada.

Há também o sentimento de imensidão, de mundo infinito e quase autossuficiente. E há a intensidade. Uma intensidade adversa, é verdade. Nova York e Moscou são, ambas, por razões diferentes, cidades elétricas.

Dois mundos cujas imagens se insinuaram em nós por meio do cinema. Dovjenko e Ford. O espaço americano e os campos de trigo russos.

Imagens ideais, contrariadas por ideias grisalhas, arquitetura stalinista, filas e *gulags*. Pela literatura também, sem dúvida: as paisagens infinitas e as bétulas de Pasternak, as lágrimas e o chá de Tchekhov, o bem no mal de Dostoiévski.

Não, creio que o que eu vou “procurar”, por menos preconcebido que seja, subsistirá ainda por muito tempo, não somente no coração das pessoas, mas também na superfície da terra e que, graças a isso, não é tarde demais.

E, no entanto, esse “tarde demais” não é mera figura de estilo...

Antigamente, quando eu telefonava para Moscou, por exemplo, era preciso passar por uma telefonista. Ela mandava esperar uma, duas, três horas. Esperava-se, ela chamava de volta e obtinha-se a linha.

Havia coisas que não se dizia ou se dizia, mas de outra forma, compreendia-se com meias palavras, às vezes não se compreendia. Mesmo do outro lado era preciso tomar cuidado, certas palavras que para nós pareciam anódinas lá podiam ter graves repercussões. Depois de Gorbachov não passamos mais pela telefonista, a conversa tornou-se mais livre e certamente menos inventiva, mas isso ninguém lamenta. Ninguém. Agora, cada um disca o número que quer e se lembra, quase com nostalgia, do tempo da telefonista, não por causa do lado inventivo da conversa, mas porque, para conseguir uma linha, demora-se, às vezes, o dia todo.

Não há regra. Já me aconteceu de conseguir uma linha na primeira tentativa. Mas como ninguém espera por isso, a surpresa acaba paralisando os primeiros minutos da conversa, que costuma ser um pouco atrapalhada.

Parece que se pode dizer tudo o que se quer, claro, mas o que se tem a dizer, enfim, o que eles têm a dizer, eles não têm vontade

de dizê-lo, são sempre histórias de “déficit”, como eles dizem. Até mesmo para o pão há horas de espera, e outras coisas do gênero. Muitas vezes rindo, mas nem sempre. Nesse riso há muito do que me atrai, lá, nas pessoas...

E, no entanto, sob esse riso, tem-se a impressão de uma catástrofe iminente. Ela é iminente a cada semana mas não chega nunca, simplesmente porque talvez já esteja lá.

Mas como continuamos a esperá-la e já foi pior, não nos damos conta. É por isso que digo “antes que seja tarde demais”, quando a catástrofe já tiver sido oficialmente anunciada.

A cada vez que se desliga o telefone, pergunta-se quanto tempo será preciso, da próxima vez, no embarço das linhas. Alguém diz: ah, isso ajuda a passar o tempo. Mas um dia poderá ser tempo demais.

Isso me faz pensar num artigo que li ano passado no *Notícias de Moscou* e que não posso deixar de reproduzir fielmente:

### **As confusões da transparência por Mikhaïl Jvanetski**

Um dia estávamos numa estação, o escritor Andreï Bitov e eu. Ele ia para o campo. Ou era eu que ia. Esperávamos o trem de Vladimir ou de Kazan, não me lembro bem. Conversávamos tranquilamente quando, de repente, ouvimos: “Os passageiros do trem nº 51 devem se dirigir à plataforma nº 5”.

A multidão carregada de bagagens sai correndo. Nada de trem! Ouve-se um outro aviso: “O embarque do trem nº 51 está acontecendo na plataforma nº 5”. A multidão se agita e todo mundo discute na estação. “O embarque do trem nº 51 vai terminar. Pedimos às pessoas que não viajam nesse trem que desçam dos vagões”. Aí a multidão enlouquece completamente. E os alto-falantes continuam a anunciar, com uma voz rouca: “O trem nº 51 vai partir dentro de cinco minutos da plataforma nº 5”.

Pois bem, no que diz respeito aos medicamentos, é a mesma coisa.

Há pouco tempo, anunciou-se a repartição de verbas. Informou-se à população e ao Soviete Supremo que um dinheiro, que ninguém nunca viu, seria destinado à importação de medicamentos. O povo e o Soviete Supremo aplaudiram com entusiasmo. E os anúncios começaram: “A verba chegou. Nós fomos à Inglaterra. Os medicamentos produzidos por esses capitalistas aumentaram de preço, mas nós os compramos. Cuidado! Há medicamentos, mas precisamos ser prudentes”.

O povo correu para as farmácias, mas não havia nada. “Camaradas, agora que há tantos medicamentos, é possível que haja abusos. Se você não é um especialista, não recomende nada aos seus amigos e conhecidos”. O povo fazia filas de espera dia e noite. Nada de medicamentos.

Os responsáveis pela direção federal das farmácias declaravam que, primeiramente, seriam colocados à venda calmantes, medicamentos de primeira necessidade, sobretudo para os aposentados e deficientes físicos. E no entanto, nada de medicamentos! Algo destoava. E os anúncios continuavam: “Camaradas, não agravem a penúria! Ainda há remédios, mas um consumo abusivo e incontrolado pode ter efeitos indesejáveis...”

Mas no telefone eles fazem mais do que rir de suas histórias de déficit, eles falam também da cidade onde vivem e dizem que ela está perdendo sua alma e seu rosto... E as pessoas também. Mas o que é a alma? Eu não me aventuraria nesse terreno.

Prefiro o dos rostos que tenho vontade de filmar.

A propósito dos rostos, eu gostaria apenas de apresentar-lhes o “À guisa de prefácio” do *Réquiem* de Anna Akhmatova:

Nos anos terríveis da “lejevchtchina”, passei dezessete meses fazendo fila diante das prisões de Leningrado. Um dia, alguém me reconheceu. Então, uma mulher de lábios azulados que estava atrás de mim e a quem meu nome não dizia nada, saiu do torpor que nos era habitual e perguntou-me baixinho (lá só se falava cochichando):  
- E isso aí, você pode descrevê-lo?

Eu respondi:

- Sim, eu posso.

Então, uma espécie de sorriso brotou do que tinha sido outrora o seu rosto<sup>1</sup>.

1. Anna Akhmatova. En guise de préface. *Requiem*. Traduit du russe par Paul Valet. Paris: Les Editions de Minuit, 1991, p. 15.

No hotel, em Leningrado, era muito difícil tomar um café da manhã. Havia um exército de garçons de braços cruzados, os rostos tristes. Pedi um chá. Eles nem me olharam. Era como se eu estivesse falando com uma parede. Eu não tinha rosto para eles e eles não tinham o menor interesse em me atribuir um rosto.

Com o homem que fomos ver em Peredelkino, vilarejo de escritores nas imediações de Moscou, foi exatamente o contrário. Ele estava nos esperando num quartinho estreito, pobre mas limpo, como se diz.

Ele era imenso. No quarto, uma cama de solteiro, uma mesinha, uma velha máquina de escrever. Um prato e três maçãs vermelhas. Ele nos leu uma carta-poema que havia escrito para Anna Akhmatova; num dado momento, levado por uma paixão quase assustadora, ele se levantou. Me lembrarei para sempre de seu rosto quando ouvimos batidas violentas na parede do quarto, porque ele falava muito alto.

E também do rosto de um homem sentado no troleibus que atravessava a Praça Pushkin, rosto que ele abaixou e escondeu com a mão. A praça estava invadida por uma fila que dava a volta em torno dela. Eles esperavam diante do McDonald's.

Longe da Praça Pushkin, o homem retirou a mão do rosto.

Eu me lembro de vários outros rostos e do "Epílogo" do *Réquiem* de Anna Akhmatova:

E eu aprendi como se desmoronam os rostos,  
Sob as pálpebras, como emerge a angústia,  
E a dor se agrava no liso das faces,  
Semelhantes às páginas rugosas dos sinais cuneiformes;  
Como os cachos negros ou os cachos acinzentados  
Tornam-se, num piscar de olhos, prateados,  
Como o riso murcha nos lábios submissos,  
E, num risinho seco, como treme o pavor.  
E eu rogo a Deus, não só por mim,  
Mas por todos aqueles que compartilham minha sina,  
No frio feroz, no julho tórrido,  
Diante do muro vermelho que ficou cego.<sup>2</sup>

2. Anna Akhmatova. Epílogo.  
*Ibidem*, p. 41.

O muro não ficava muito longe do centro de Leningrado. Fui vê-lo, o muro da prisão. Fiz fotos. Já estava escuro.

Na Fnac eles não as revelaram.

E eu disse para mim mesma que tudo bem. Sem analisar muito.

- BRUXELAS/PARIS, ABRIL 1991 -

*Tradução de Anita Leandro*